

«HOVERAM PESSOAS ... MAS JÁ NÃO HÃO!»

Custódio Magueijo
Universidade de Lisboa

Esta breve nota não tem nada de novo, a não ser, talvez, um processo didáctico certo, prático, simples e imediatamente eficaz, como pode depreender-se pelo título do artigo. De facto, por vezes um pequeno truque prático é mais eficaz que a teoria. Lembro-me sempre de ter obtido bom resultado com a ortografia da 3ª p. pl. do verbo *ver*: eles *vêem*. É claro (!) que se escreve com -ee-, dois -ee-, porque nós vemos com dois olhos (!). Tb. gr. -ουσι > ουσι: ν antes de sigma cai, e, ao cair, achata, donde $\nu > v$ (!!!). Mas é preciso cuidado, pois não falta quem leve a graça a sério!

Aprendi, ainda na "primária", que o verbo *haver*, no sentido de «existir», *não tem sujeito, mas só complemento directo*, e, com esse sentido, só se usa na 3ª pessoa do singular. Assim, *há /houve/havia... uma pessoa/mil pessoas*.

Era uma regra sagrada, que fazia parte daqueles conhecimentos básicos que o menino aprendia uma vez na vida, e para sempre. Naturalmente, não estávamos em condições de entender a razão de ser desta regra, nem sequer nos interrogávamos sobre o assunto. Era assim, porque sim, tal como, por exemplo, as preposições, que decorávamos de enfiada e por ordem alfabética (*a, ante, após, até, cerca, com, contra, de, desde, durante, em, entre, para, per, perante, por, sem, sob, sobre, trás...*), sem entender lá muito bem: o caso mais bocado era o da preposição *a*, confundível com o artigo feminino... mas

enfim, acabávamos por distinguir...: *vou a caminho* é nitidamente diferente de *vejo o caminho*...

Um caso interessante ocorreu, há já muito tempo, num concurso de televisão, onde o concorrente perdeu, por alegadamente não ter completado sem erro um provérbio. O provérbio era o seguinte: *A cavalo dado... não se olha a dente*, que foi o que o concorrente disse; mas foi considerado errado, pois o responsável entendia que a formulação correcta era *A cavalo dado... não se olha o dente*, pois, para os juízes, haveria uma falta de concordância em *a dente*, quando, afinal se trata da preposição (logo invariável) *a*, como fica claro com outro exemplo: *Ele não olha a despesas*, em que é óbvio o valor de *a* como preposição.

Também no caso do verbo *haver*, só mais tarde alguns de nós, apetrechados com certos conhecimentos, chagávamos a perceber a razão da sua sintaxe e da sua morfologia algo estranhas.

Como professor de Português no Ensino Secundário, e depois na Universidade, senti a necessidade de expor este e outros assuntos não só com a devida fundamentação linguística, mas também por outros processos, atendendo ao facto de os estudantes de «Clássicas» virem a ser, também, professores de Português.

Vou começar pela parte meramente prática, mais simples e que requer, fundamentalmente, o sentimento da língua, para, no fim, atender à explicação linguística específica.

1. – Em Portugal sempre *houveram* bons poetas...
– ... E já não *hãõ*? – pergunto eu.

É claro que o meu interlocutor logo se apercebe de que, no 2º caso, o que se diz é *há*, donde, *houve* e ainda *há*...

2. Se, em vez de *haver*, empregarmos *existir*, fica assim:
– Em Portugal sempre *existiram* bons poetas...
– ... E já não *existem*? – pergunto eu.

3. Até aqui, ainda não se torna óbvio para toda a gente o facto de, em 1., *poetas* ser complemento directo, ao passo que, em 2., é sujeito. Ora, o caso torna-se instrutivo, se, recorrendo ao sentido e uso geral da língua, introduzirmos o pronome pessoal em vez do nome *poetas*:

- Em Portugal ainda há bons poetas...
- Se *os* há, não sei...

Compare com:

- Em Portugal ainda existem bons poetas...
- Se *eles* existem, não sei...

Como se vê, o verbo *haver* requer uma forma de pronome pessoal *complemento*, ao passo que *existir* funciona como verbo intransitivo, apenas com o seu sujeito (nome ou pronome pessoal *sujeito*), com o qual, naturalmente, concorda.

4. A título de mera comparação, sem valor probatório, veja-se o caso do francês *il y a des poètes*, em que *il* é o chamado (assim o aprendi) sujeito aparente, suficiente para levar o verbo para o singular; mas *des poètes* é complemento directo, ou «complemento de objecto directo». A frase francesa tem paralelo no port. *ele há cada uma...* Em todo o caso, há que chamar a atenção para a sintaxe de fr. *exister*, diferente da do port. *existir*: *il existe des poètes*, em que o tal sujeito aparente, *il*, leva o verbo para o singular, apesar de o sujeito real ser *des poètes*.

5. Será agora o momento de dizer que a sintaxe do português e doutras línguas novilatinas entronca na sintaxe do latim vulgar, p. ex., *habet poetas*, em que o verbo *habeo*, embora mantendo também o sentido de «ter», ganha, além desse, o de *existir*.

6. Curioso é o facto de, no português do Brasil, se usar o verbo *ter* impessoalmente, na 3ª p. sg., com o respectivo complemento directo, ou seja, com a sintaxe de *há* + complemento directo:

- *Tem* pai que é cego! = *Há* pai(s) que é (são) cego(s).
- *Tem* dias que tudo corre mal. = *Há* dias que...

É claro que esta sintaxe brasileira não vem do latim vulgar, mas apenas se desenvolveu naturalmente. Mesmo assim, a semelhança com a sintaxe do latim vulgar não deixa de ser instrutiva.

7. Fenómeno igual ao que se deu no latim vulgar, ocorreu também no grego medieval e ainda se observa em grego moderno:

Lat. vulgar	Gr. med./mod.	Português
<i>Habet homines</i> (ac.)	ἔχει ανθρώπους	há homens (c. dir.)
Mas:		
<i>Sunt homines</i> (nom.)	υπάρχουν άνθρωποι	existem homens (subj.)

Para terminar, acho que, quando quisermos emendar alguém que nos diz que «*houveram* pessoas...», não devemos começar por lhe ensinar as razões histórico-linguísticas que mandam dizer, correctamente, «*houve* pessoas», mas antes, parece mais eficaz corroborar a ideia, acrescentando: «sim, *houveram*... mas já não *hã*». O nosso interlocutor entenderá. Depois, convencida a pessoa do seu erro, já teremos terreno propício para lhe explicar a fundamentação histórico-linguística.

NOTA – Não será inútil chamar a atenção para o facto de o verbo *haver* ter outros sentidos e aplicações que não se sujeitam a esta regra: *eles haviam /tinham/ dito...; eles hã-de saber...etc.*